

DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM: UM ESTUDO SOBRE A DISGRAFIA E DISORTOGRAFIA EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tamiles Pereira da Silva¹
Cristiane Souza Borges¹
Cosmerina Carvalho de Souza¹
Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz²

Resumo

Abordar questões relacionadas às dificuldades de aprendizagem se deve ao grande número de crianças em idade escolar que apresentam essa problemática. Visando ampliar o conhecimento sobre o assunto e reconhecendo que a escrita é elementar, foi feito o estudo do tema. Foram participantes 55 crianças, de ambos os sexos, entre 08 e 11 anos do ensino fundamental, de uma escola pública e uma particular. O instrumento utilizado foi a Escala de Avaliação de Dificuldades na Aprendizagem da Escrita, ADAPE. Pode-se observar que a maior parte dos participantes obteve baixa pontuação, o que indica que poucas crianças apresentam dificuldades de aprendizagem. Constatou-se que os alunos do 3º ano, pertencentes de uma escola pública, apresentaram maiores dificuldades, sendo que dos 20 participantes, 45% apresentaram dificuldade de aprendizagem acentuada. Conclui-se que a dificuldade de aprendizagem é uma realidade, porém quanto mais cedo diagnosticada e assistida, maior a possibilidade dessa criança superar o problema.

Palavras- chaves: Dificuldade, escrita, crianças.

Introdução

A educação não é constituída somente de sucessos e aprovações, pois no processo de aprendizagem alguns alunos são estagnados devido à algumas dificuldades que enfrentam nesse processo, e muitas vezes são rotulados pelos pais, professores e amigos.

A criança, ao iniciar sua vida escolar, já domina a linguagem oral e encontra-se com suas habilidades linguística e cognitiva adequadas para a aprendizagem da leitura e escrita a ser desenvolvida na escola. Então, ao entrar em contato com a escrita ela se depara com um novo sistema, em que precisa utilizar novas regras e voltar sua atenção para elementos

¹SILVA, Tamiles P.. ¹BORGES, Cristiane S.. ¹SOUZA, Cosmerina de C. de S. – Graduanda em Pedagogia - UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) , bolsistas do PIBID, CAPES/UESB. ²FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento – Professora Adjunta da UESB – Itapetinga.

até então imperceptíveis como o sistema sonoro da língua, tendo consciência de frases, palavras, sílabas e fonemas como unidades menores.

No processo inicial de aprendizagem da leitura e escrita, é muito importante que o educador saiba observar as dificuldades da criança na hora de exercer essas funções escolares, uma vez que ela pode vir a ser acometida de problemas na aprendizagem.

A disortografia é um Transtorno específico da escrita e abrange um padrão de escrita que foge as regras ortográficas. Muitos alunos apresentam mudanças na escrita, pelo fato da escola não evidenciar o ensino da ortografia, fazendo com que os alunos tenham um conhecimento mais significativo desse processo. A disortografia é parte da dislexia do desenvolvimento, e quando a criança apresenta dislexia possui uma deficiência no processo fonológico; leitura e escrita lenta e se confunde demasiadamente com palavras semelhantes, tanto na escrita quanto na leitura.

Até o 3º ano dos anos iniciais da escolarização é comum que as crianças apresentem confusões ortográficas porque a relação com os sons e palavras escritas ainda não foram dominadas por completo. Porém, após este período, se as trocas ortográficas persistirem repetidamente, é importante que o professor esteja atento uma vez que pode se tratar de uma disortografia.

As principais características de um sujeito que apresenta a disortografia são as trocas de letras e sílabas, confusões ortográficas já conhecidas e trabalhadas pelo professor, omissões e acréscimos na escrita das palavras, falhas de percepção, falta de concentração do aluno. Essas características se manifestam no processo da aprendizagem da ortografia. Quando a disortografia é proveniente de um transtorno de aprendizagem, essas características tendem a persistir em todo processo educativo.

Sendo assim é importante que o educador atente a este tipo de problema na aprendizagem da criança, uma vez que

A avaliação da ortografia deve trazer informações do nível ortográfico que a criança se encontra, revelando quais são os tipos de erros ortográficos e sua frequência de ocorrência na escrita. De forma geral, deve conter a observação dos próprios trabalhos escolares, ditado sem correção e autocorrigido, escrita de textos longos e curtos, ditado de pseudopalavras, cópia, ditado de letras, escrita de palavras a partir de figuras, ditado de frases e palavras, completar palavras com um ou mais grafemas, completar frases com palavras, tarefa de erro intencional, que fornece informação sobre o nível de conhecimento ortográfico que os escolares possuem. (Capellini, 2008, p. 25).

Segundo Capellini (2008) alunos com disortografia devem ter acompanhamento com fonoaudiólogos para intervir no problema e orientar pais e professores de crianças que apresentam essa problemática, pois:

A primeira questão que necessita ser enfocada com pais e professores de crianças com disortografia é que a ortografia é um fim e não um começo. Primeiro, a criança precisa saber lidar com a escrita para depois se preocupar em como escrever ortograficamente, pois ela, na escola, necessariamente deve realizar dois tipos de aprendizados: o princípio do sistema alfabético e a norma ortográfica, ou seja, das restrições regulares e irregulares para a escrita de palavras (p.41).

Toda criança tem um potencial e dentro desse potencial espera-se que ela atinja determinado nível de rendimento. Se esse rendimento não for alcançado independente da criança apresentar o problema da disortografia ou não, torna-se importante o esforço e o envolvimento do educador e da família para o desenvolvimento satisfatório do aluno na escrita e na linguagem.

Assim como a disortografia, outro problema na área da escrita que interfere na aprendizagem das crianças é a disgrafia.

A disgrafia ainda desconhecida por muitos educadores é um problema que dificulta o aluno no processo de aprendizado da escrita sentindo enormes dificuldades na realização de qualquer tarefa que determine as habilidades básicas de escrita.

No contexto pedagógico há uma confusão em distinguir quais alunos realmente apresentam a disgrafia, pois a maioria apresenta dificuldades na escrita, principalmente os alunos dos anos iniciais.

A disgrafia possui características próprias que a diferencia de qualquer outra dificuldade no desenvolvimento da escrita. É uma dificuldade que a criança possui para escrever claramente, e pode ser motora ou perceptiva. No primeiro caso ela consegue ler, mas encontra dificuldade na coordenação motora na hora de escreverem virtude de a criança visualizar a palavra ou figura, mas não consegue fazer os movimentos para escrever, pois não apresenta controle motor fino. No segundo caso a criança não consegue fazer relação entre o sistema simbólico e as grafias que representam os sons, as palavras e frases. A criança não consegue escrever corretamente, pois ela apresenta lentidão na escrita, letra ilegível, traços irregulares, dificuldades na organização no espaço correto e acaba ficando com a letra ou a escrita fora dos padrões propostos pela lingüística. Alguns dígrafos também podem apresentar características de disortografia invertendo as sílabas, omitindo letras, e apresentado escrita

com letras espalhadas. Há também falta de pressão com debilidade dos traços, ou traços demasiadamente forte o que causa cansaço e lentidão na hora da escrita.

Até o 2º ano é comum que as crianças façam confusões ortográficas porque a relação com os sons e palavras escritas ainda não estão dominadas por completo. Porém, após este período, se as trocas ortográficas persistirem repetidamente, é importante que o professor esteja atento já que pode se tratar de uma disgrafia.

É muito importante que o professor fique atento aos problemas na aprendizagem, uma vez que a criança ao ingressar no Ensino Infantil, pode apresentar naturalmente alguns dos sintomas citados acima, devido à sua coordenação motora não estar aprimorada.

Apesar de elementos que as diferenciam de outras dificuldades, a disortografia e a disgrafia não são distinguidas facilmente no ambiente escolar. Uma pessoa que não esteja realmente preparada e qualificada dificilmente será capaz de perceber as dificuldades de aprendizagem relacionadas à escrita. Muitos educadores mesmo atuando há muito tempo na Educação Infantil em diversas situações, falta-lhes capacitação para compreender esses dilemas vivenciados no contexto educacional.

Metodologia

A pesquisa foi realizada em duas escolas do Ensino Fundamental I, sendo uma pública e a outra particular.

Os participantes foram 55 crianças, de ambos os sexos, do 3º, 4º e 5º ano. As idades variaram entre 08 e 11 anos. Considerando o total de amostras obteve-se o total de 25 (45 %) do gênero feminino e 30 (55%) do gênero masculino. A divisão das amostras em relação à idade, ano e tipo de escola se deu da seguinte maneira: (a) crianças com 08 anos (17 do 3º ano sendo 2 de escola particular e 15 da escola pública); (b) crianças com 09 anos (06 do 3º ano, sendo todos de escola pública, 09 do 4º ano, todos de escola particular e 02 do 5º ano todos de escola particular); (c) crianças com 10 anos (04 do 4º ano e 13 do 5º ano, ambos de escola particular); (d) crianças com 11 anos (05 do 5º ano de escola particular).

Nesse estudo foi utilizada a Avaliação de Dificuldade de Aprendizagem da ADAPE (SISTO, 2002). O instrumento caracteriza-se por ser uma escala para avaliação da dificuldade de aprendizagem na escrita. Consiste de um ditado de um texto denominado “Uma tarde no campo”, composto por 114 palavras, sendo que 60 delas apresentam algum tipo de dificuldade classificada como encontro consonantal, dígrafo, sílaba composta e sílaba complexa, cujas características psicométricas são consideradas suficientes para a avaliação da escrita. Os erros

apresentados pelas crianças foram computados por palavras, consideradas como unidades. Cada unidade errada recebeu o valor 1 e os acertos zero. Dessa forma, a soma dos erros forneceu a pontuação de cada criança. O instrumento possui validade de critério, apresentando condições metodológicas adequadas ao uso (SISTO, 2002). O teste foi feito exclusivamente para avaliar as dificuldades de aprendizagem referente à representação de fonemas, não avaliando aspectos relativos à compreensão e expressão de significados.

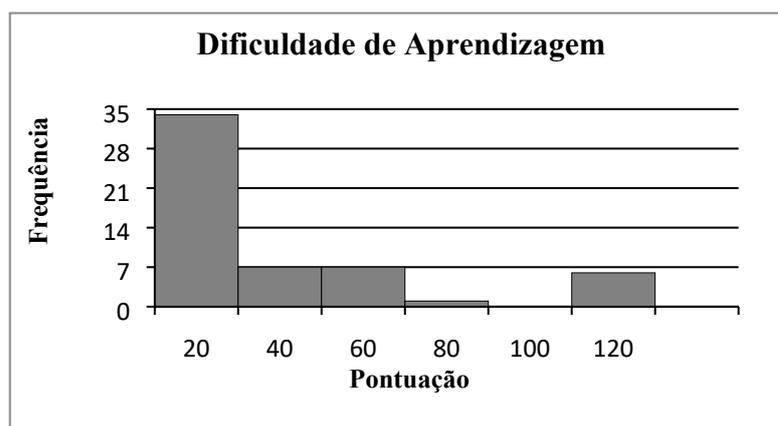
Os alunos foram categorizados segundo o critério da ADAPE (SISTO, 2002). Desse modo, as crianças que apresentaram até 10 erros foram consideradas sem indícios de DA (dificuldades de aprendizagem); crianças que apresentaram de 11 a 19 erros foram classificadas com DA leve; as que apresentaram de 20 a 49 erros classificaram-se como DA moderada; e crianças com 50 ou mais erros foram classificadas como DA acentuada.

Foi explicado aos alunos que seria efetuado um ditado de um texto, as palavras lidas uma a uma, repetidas apenas uma vez. Os alunos foram orientados para escrever todas as palavras. Foi entregue uma folha em branco ao aluno para que escrevesse o ditado aplicado pela professora. Quando todas as palavras foram ditadas, as folhas foram recolhidas.

Resultados e Discussão

A primeira parte dos resultados referentes às dificuldades na aprendizagem da escrita constituiu em uma análise dos erros obtidos na Escala de Avaliação de Dificuldades na Aprendizagem da Escrita (ADAPE), cuja pontuação poderia variar de 0 a 114 erros. A distribuição das pontuações dos participantes na ADAPE encontra-se na Figura 1.

Figura 1- Frequência das pontuações obtidas na *Escala de Avaliação de Dificuldades na Aprendizagem da Escrita (ADAPE)*.



A crianças obtiveram uma média de 23 erros (DP= 20,6), com pontuação mínima de 1 e máxima de 113 pontos na escala utilizada. As pontuações mais frequentes foram 3 e 9 erros, sendo que 62% dos participantes obtiveram pontuação abaixo de 19 pontos. Os resultados obtidos e a distribuição das frequências dispostas (Figura 1) evidenciaram uma tendência de pontuação mais baixa relacionada às dificuldades na aprendizagem da escrita entre os participantes deste estudo. Nesse sentido, considerando a pontuação máxima possível de 114 pontos e que o instrumento utilizado baseia nos erros obtidos pelas crianças, verificou-se, proporcionalmente, poucas crianças com grandes dificuldades na escrita (alta pontuação no instrumento).

A Tabela 1 traz o percentual de crianças, em função da série por elas frequentada, em cada categoria de dificuldade prevista pelo instrumento.

Tabela 1 - Comparação entre o percentual de crianças em cada categoria de dificuldade de aprendizagem, em função da pontuação total no ADAPE.

Categorias de Dificuldade de Aprendizagem	3º Ano		4º Ano		5º Ano	
	N	%	N	%	N	%
Sem indícios de DA	4	7,3	8	14,5	13	23,6
DA leve	3	5,4	1	1,8	5	9,1
DA moderada	4	7,3	4	7,3	3	5,4
DA acentuada	9	16,4	1	1,8	-	-
Total de alunos	20	36,4	14	25,4	21	38,1

Os resultados obtidos permitem observar que o 3º ano apresenta uma frequência maior de crianças com Dificuldade de Aprendizagem acentuada e o 4º e 5º ano, uma frequência maior de crianças sem indícios de Dificuldade de Aprendizagem. Deve-se considerar que os alunos do 3º ano frequentam uma escola pública. Os resultados evidenciam que os alunos de escola pública apresentam um desempenho inferior quando comparados aos de escola particular, o que mostra que, da amostra pesquisada, tendem a ter mais dificuldades na aprendizagem da escrita que as demais.

Considerações Finais

É sabido que as dificuldades de aprendizagem atingem um elevado número e crianças em idade escolar, porém os estudos direcionados a essa problemática é, de certa forma, recente e surgiu com o intuito de definir as diferenças existentes entre as crianças portadoras

de deficiência mental das que apresentavam disfunção cerebral mínima, exigindo assim um estudo mais aprofundado (FONSECA, 1995, p.287). É possível perceber as Dificuldades de Aprendizagem em todas as camadas sociais, no entanto, esse problema ganha perímetros mais irrefutáveis em crianças sem assistência, uma vez que é aí que nos deparamos com a falta de uma indicação na fase inicial da questão. Em geral, a análise só acontece tarde, depois que o aluno já está se alfabetizando (ALMEIDA, 2002, p. 17).

Existem vários tipos de Dificuldades de aprendizagem (DA), mas foram abordados nesse artigo: a disortografia e a disgrafia. Sendo que a disortografia está relacionada à leitura e a disgrafia à escrita. É comum que alunos que cursam o 3º ano apresentem uma dificuldade de aprendizagem. Mas, quando passa para a série seguinte com o mesmo problema, é sinal de que, o que ele tem é uma dificuldade que precisa ser diagnosticada, para que haja um tratamento e um acompanhamento por parte dos professores e envolvidos. Os professores que estão em sala de aula, devem ter o conhecimento das Dificuldades de Aprendizagem, para saber como trabalhar com aquele aluno, de forma que ele não se sinta inferior aos demais.

Enfim, este artigo teve por objetivo, analisar o grau de dificuldade de aprendizagem na escrita, em 55 crianças, com idades variadas e cursando o 3º, 4º e 5º ano, de duas escolas, sendo uma pública e outra particular. Com os resultados já explorados no artigo, percebe-se que o número de crianças que apresentam um elevado grau de dificuldade na escrita não é grande. Mas mesmo tendo esses resultados é necessário que as escolas desenvolvam um projeto para que o professor que atua numa sala de aula, possa ter noção das dificuldades que enfrentará, melhorando assim, cada dia mais o índice de DA de seus alunos.

Referências

- ALVES, Licilange Gomes. **Conhecendo a disgrafia**. Disponível em :<http://www.webartigos.com/artigos/conhecendo-a-disgrafia/32352/#ixzz24BHrM2aS>, 2010.
- BARROS, Jussara de. **Dificuldades de aprendizagem**. Disponível em: <http://www.brasil.escola.com/educacao/dificuldades-aprendizagem.htm>.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.
Disponível em: <http://www.mps.com.br/InfoServ/renascer/neurologia.htm>
- FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; MOREIRA, N. Ribeiro; HIDALGO, I. Garcia. **Caperucita Roja aprende a escribir: estudios psico**CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; MOREIRA, N. Ribeiro; HIDALGO, I. Garcia. **Caperucita Roja aprende a escribir: estudios psicolingüísticos comparativos entres lenguas**. Barcelona: Gedisa, 1996.
- FONSECA, Vítor. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes
- GARCIA, Jesus Nicácio. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Tradução de Jussara Houbert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- GARCIA, Jesus Nicácio. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Tradução de Jussara Houbert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.<http://www.psiqweb.med.br/cursos/linguag.html>
- JOSÉ, Elisabete da Assunção José & COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. 12ª edição, São Paulo: Ática. Médicas, 1995. 2ª ed.
- SANTOS, Cícera Maria. **A dislexia – disortografia: A doença e a escola**. Publicado em 1 de maio de 2011. Disponível em:<http://www.webartigos.com/artigos/a-dislexia-disortografia-a-doenca-e-a-escola/65103/>.